

VIOLÊNCIA, ÉTICA, MORAL E BULLYING NO ESPAÇO ESCOLAR

Violence, ethics, moral and bullying in school

Loreni Dutra de Almeida¹

Luciana Fofonka¹

Cláudia Suéli Weiss¹

Resumo: No presente estudo é feita uma análise frente à violência, à ética, à moral e ao bullying no espaço escolar, sobre aspectos do cotidiano e suas representações. O estudo consiste de uma pesquisa bibliográfica que partiu de levantamento de material existente sobre essas temáticas. A metodologia do presente estudo é classificada como de natureza de pesquisa básica. Quanto à abordagem do problema, é qualitativa. Quanto à realização dos objetivos, a pesquisa é descritiva. E quanto aos procedimentos técnicos, é bibliográfica. Justifica-se a escolha desses temas por se tratarem de situações, nas quais as escolas vivem o dia a dia, e propiciam diversas interpretações, aproximando, desta forma, texto e realidade. O objetivo aqui é propor uma reflexão acerca da violência escolar, da moral e da ética e também da prática do bullying no espaço escolar. Somos parte de um determinado grupo, em que muitos são mentores da discriminação e da violência. A participação de todos os segmentos dentro do espaço escolar vai gerar uma educação participativa em que, pais, alunos, professores, gestores e comunidade possam dar subsídios e apoio integral a esses alunos. As escolas têm se deparado com diferentes tipos de pessoas, pois cada criança ou jovem busca diferentes opções. Esse espaço também é local da discórdia e da violência, onde muitos sofrem diferentes ameaças, sejam elas, psicológicas e ou físicas, e, na maioria das vezes, ficam calados por medo de represálias. A família e os professores devem estar atentos aos sintomas, pois, geralmente as vítimas não procuram ajuda. As estratégias de combate à violência escolar, ao bullying, devem estar concentradas no próprio ambiente escolar. A escola deve ser o lugar de se aprender a viver em sociedade, onde os alunos devem respeitar as diversidades, entendendo que ser diferente é normal.

Palavras-chave: Violência. Ética. Bullying.

Abstract: In the present study an analysis is made regarding violence, ethics, morality and bullying in the school space, on daily aspects and their representations. The study consists of a bibliographical research that started from the survey of existing material on these themes. The methodology of the present study is classified as of basic research nature. As for approaching the problem, it is qualitative. Regarding the achievement of the objectives, the research is descriptive. As for technical procedures, it is bibliographical. The choice of these themes is justified because they are situations, in which schools live day by day, and offer different interpretations, thus bringing text and reality closer together. The objective here is to propose a reflection about school violence, morals and ethics, as well as the practice of bullying in school. We are part of a particular group, where many are mentors of discrimination and violence. The participation of all segments within the school space will generate a participative education in which parents, students, teachers, managers and community can give subsidies and integral support to these students. Schools have come across different types of people as each child or young person searches for different options. This space is also a place of discord and violence, where many suffer from different threats, whether psychological or physical, and most often remain silent for fear of reprisal. Family and teachers should be alert to the symptoms, as the victims usually do not seek help. Strategies to combat school violence and bullying should be concentrated in the school environment. The school should be the place to learn to live in society, where students must respect diversity, understanding that being different is normal.

Keywords: Violence. Ethics. Bullying.

Introdução

O estudo consiste de uma pesquisa bibliográfica que partiu do levantamento do material existente sobre a prática da violência escolar, e para isso, utilizamos obras que foram bases para o desenvolvimento do trabalho.

No presente artigo em estudo, abordamos temas que mostram contributos para o desenvolvimento do ser humano, conduzindo indagações sobre diferentes formas da discriminação

¹ Centro Universitário Leonardo Da Vinci – UNIASSELVI – Rodovia BR 470 – Km 71 – nº 1.040 – Bairro Benedito – Caixa Postal 191 – 89130-000 – Indaial/SC Fone (47) 3281-9000 – Fax (47) 3281-9090 – Site: www.uniasselvi.com.br.

em sala de aula. Os elementos analisados são: a violência no espaço escolar, a ética e a moral, e também o *bullying*. Estes temas que são resgatados se baseiam no cotidiano escolar.

Para estruturar esse trabalho, configuram-se, neste primeiro momento, a apresentação e a estrutura em estudo. O segundo momento expõe uma análise sobre a violência no espaço escola, explanando a realidade nas escolas. A palavra violência pode ter diferentes definições: ato agressivo, físico ou psicológico, em que alguém sofre ou pratica.

O terceiro momento enfoca a ética e a moral na escola, perpassando a clareza de como o aluno pode ser vítima dessas duas palavras tão simples, que representam o ideal de cada um, a partir da qual vivemos em diferentes grupos, visando à preconização de cada um. Todas as pessoas têm a sua identidade definida, no entanto, ela pode ser modificada e lapidada.

O quarto momento apresenta o tema *bullying*, justapondo-o às teorias acerca de diferentes manifestações vividas por crianças e jovens no ambiente escolar, visto que igualdade não significa ter homogeneidade, logo, todos têm direitos iguais.

O quinto momento segue as considerações finais do artigo, e as relação das obras consultadas.

Violência no espaço escolar

A violência está inserida no espaço escolar e prejudica a criança e o jovem em seu processo de ensino e aprendizagem. Muitos são os fatores que levam os estudantes a terem problemas de relacionamentos, como a falta de estrutura familiar, financeiro e psicológico.

Na escola, muitos alunos desenvolvem habilidades e competências, no entanto, nem sempre é possível que tal desenvolvimento ocorra na sua totalidade, pois os conflitos surgem em diversas escalas. Vive-se o momento contemporâneo em que muitas pessoas da sociedade são induzidas a praticarem violência, percebe-se a reprodução de violência em determinadas situações, nas mais diferentes formas, e reflete, simultaneamente, dentro do espaço escolar, pois esse visa à inclusão entre seres.

As instituições educativas têm se deparado com diferentes situações em que acolhe um público diferenciado e não se prepara para as mudanças que acontecem simultaneamente. Há muitas escolas que passam por estágios violentos, outras com menor intensidade e também tem escolas em que o estudo sobressai e a violência é praticamente zero.

O Projeto Político-Pedagógico – PPP – tem um importante papel para mediar, elaborar regras e normas, que são instrumentos que regulam e regem comportamentos, assume um caráter obrigatório acerca de um determinado ato, seja ele individual ou coletivo e deve ser usado para manter a ordem escolar e coibir atos violentos. Este se preocupa em propor uma forma de organizar o trabalho e visa uma superação dos conflitos entre alunos, professores, funcionários e comunidade.

Muitos pesquisadores, sociólogos e pedagogos buscam explicações para o crescimento da violência dentro das escolas, e percebem diferentes formas de violência presentes no cotidiano dessas, tais como as agressões e as ameaças aos professores feitas por alunos, as interpessoais, as verbais, as físicas e/ou psicológicas, todavia, o problema vem se agravando, tanto na rede pública quanto na particular, e não é mais um problema isolado apenas dos gestores e professores, mas, sim, dos pais, da sociedade e dos governantes. Para melhor entender os problemas enfrentados dentro das escolas, busca-se o significado de violência. Segundo o Dicionário da Língua Portuguesa, “Violência: emprego agressivo e ilegítimo da força ou de processos de coação. O policial fazia uso da violência para obter confissões. Força ou poder de uma ação ou de um fenômeno natural” (BECHARA, 2011, p. 1137).

O autor busca colocar em evidência a existência de várias formas diferentes de violências inseridas no cotidiano escolar. O problema vem se agravando, mas os pais ainda têm a escola como o local no qual seus filhos irão: aprender, crescer, evoluir e adquirir capacidades para enfrentar a vida.

O artigo 227 da Constituição Federal define os direitos da população Infanto-Juvenil Brasileira, bem como seus responsáveis a garanti-los e cumpri-los da seguinte forma:

Art. 227. É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão (BRASIL, 2010).

Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA – em seu artigo 5º, ressalta que “Nenhuma criança ou adolescente será sujeito de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais” (BRASIL, 1990). Tendo por base, a cultura é que vai motivar a reflexão, preparar o indivíduo para a realidade do ambiente em que está inserido, mas para que isso possa acontecer, os alunos deverão ter apoio de todas as entidades envolvidas, principalmente da família e da escola.

No cotidiano escolar, a violência contra a criança ou adolescente é evidenciada como uma relação de poder, porque, muitas vezes, eles trazem de casa experiências negativas e que refletem dentro de um grupo, pois todo o ato violento implica danos, sejam eles físicos ou psicológicos. Os professores, os gestores, os pais e a sociedade devem ensinar aos alunos quais são os seus direitos e deveres, construindo simultaneamente a igualdade e o respeito pela diferença.

As escolas e as Secretarias de Educação estão se conscientizando de que a violência escolar vem crescendo gradativamente, no entanto, ela sempre esteve presente, faz parte da relação humana desde a origem do laço social. Essas instituições devem criar um plano de ação para aplicar junto aos estudantes, tais como os valores democráticos e, por intermédio desses, formular debates na construção de temas, como o assédio moral, a violência de gênero e a violência contra aqueles percebidos como “diferentes”. Para pôr em prática, desenvolve-se um planejamento coletivo em que os professores possam aplicar em suas aulas, ensinando o aluno a apreender viver em sociedade.

A função do professor em sala de aula não é mais passar um conteúdo preestabelecido, devem se preparar para realizar trabalhos de sentido mais amplo, ter aspirações maiores, envolvendo ideias profundas, propiciando a seus alunos perspectivas de resgatar o sentido social da escola, só assim eles não terão tempo para violência, mas construirão e transformarão a realidade existente.

Vale destacar que “a educação, acima de tudo, é o meio pelo qual a sociedade renova perpetuamente as condições de sua própria existência” (DURKHEIM, 1971, p. 82). No entanto, a vulnerabilidade de cada aluno no contexto escolar pode levar a problemas gravíssimos, manifestando-se de várias formas e atingindo um grande número de indivíduos. É necessário que as escolas se empenhem em um processo de inovação, trabalhando diretamente com as situações existentes e busque sanar os problemas enfrentados por estes jovens.

A ética e a moral na escola

Existem conflitos entre diferentes classes sociais, muitas vezes, esses estão diretamente ligados à inclusão e à exclusão social, e no cotidiano de sala de aula as manifestações estão cada dia mais explícitas, pois o respeito ao diferente nem sempre é um fator determinante para o convívio do ser humano.

A questão da identidade e a diferença na prática social nos levam a uma análise a respeito da tolerância, assim, o que se identifica é:

A tolerância, como um sentimento aparentemente generoso, pode marcar certa superioridade de quem tolera. O respeito, como conceito, implica um certo essencialismo, uma generalização, que vem da compreensão de que as diferenças são fixas, definitivamente estabelecidas, de tal modo que só nos resta respeitá-las (ULISSES, 2007, p. 15).

Para um melhor entendimento, buscou-se identificar algumas causas de conflitos, que segundo Chrispino (2007, p. 21) são: “mal-entendidos; brigas; rivalidade entre grupos; discriminação; *bullying*; uso de espaços e bens; namoro; assédio sexual; perda e dano de bens escolares; viagens e festas”. A partir dessas causas, a escola tem de buscar uma resolução ou uma mediação junto aos alunos, para que possam viver em harmonia.

Os conflitos dentro do espaço escolar tendem a se intensificarem, visto que a população vem sofrendo constante mutação em diferentes escalas, por outro lado, os alunos vêm de casa com problemas familiares sérios, sejam financeiros ou de carência afetiva, e se os educadores não se propuserem a ajudá-los, esses fatores levarão a uma proporção de agressividade no grande grupo.

Diagnosticar quando os alunos têm problemas, antes de iniciar o processo de mediação de conflitos, será um grande passo no controle da violência escolar. Definitivamente não existe um método concreto para ser seguido, mas se pode buscar, junto a diferentes órgãos, outras metodologias, baseadas em princípios que organizem práticas sociais, que possam dar sentido em suas vidas.

Segundo Perrenoud (1999, p. 7), “poderíamos dizer que uma competência permite mobilizar conhecimentos a fim de enfrentar uma determinada situação”. Logo, a sociedade institucional deve buscar as “competências” que serão determinantes para o auxílio desses jovens, cada aluno tem suas habilidades, então, se forem usadas de forma eficaz, a escola terá resposta imediata para enfrentar os problemas violentos.

Nesse estágio de busca para resolver a violência escolar, precisamos entender os quatro pilares da educação que devem ser a meta para o desenvolvimento educacional, que são conceitos de fundamento da educação baseados no “Relatório para a UNESCO” da “Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI”, coordenada por Jacques Delors: “[...] aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver com os outros e aprender a ser”. Os adolescentes de hoje podem pensar em coisas abstratas, sem precisar ou necessitar da relação direta com o concreto, eles compreendem quando faz parte de seus interesses, eles constroem e aplicam, então, nesse processo, o professor pode incentivá-los e motivá-los com diferentes projetos sobre os problemas enfrentados, assim farão reflexões, portanto, será alterado e expandido o horizonte de expectativas do aluno, logo a atitude de cada um dará lugar a possibilidades de diálogos às convenções sociais e culturais a suas consciências.

Há algum tempo atrás, o aluno recebia advertências por escrito, quando cometia atos violentos, e se não as cumprisse era “expulso” da escola. Hoje, vale ressaltar, que a equipe diretiva e os professores dialogam com a criança ou jovem, para que haja mudança de comportamento, mas quando o acordo não gera resultado, chamam-se os responsáveis para que assinem uma ata de advertências sem prejuízo ao aluno, mas se a mudança de comportamento não for alcançada, aí sim o aluno pode correr o risco de sofrer atitudes mais rígidas por parte da escola.

Geralmente, o aluno que comete qualquer tipo de violência no convívio escolar, tende a ter baixo desempenho cognitivo e vai refletir diretamente na nota e levá-lo à repetência escolar, no entanto, faz-se uma pesquisa junto à família para descobrir os motivos que levam esse menor a cometer pequenos delitos de conduta.

O professor, tendo surpreendido conversas clandestinas sobre atos violentos, tem possibilidade de indagar seus alunos para saber os motivos que são determinantes para a prática de tais violências.

Efetuada essa análise, busca junto à equipe diretiva soluções para resolver estes problemas, pois toda a sociedade sabe que a prevenção contra a violência no cotidiano escolar começa em casa, com repasses de valores éticos e morais, mas quando isso não acontece, cabe à escola realizar esta tarefa.

Com relação a valores e éticas que são ensinados aos alunos, para que não pratiquem violência na escola, far-se-á um estudo minucioso sobre essas questões (CHAUI, 2000, p. 44). Dizia “Sei que nada sei”:

A consciência da própria ignorância é o começo da Filosofia. O que procurava Sócrates? Procurava a definição daquilo que uma coisa, uma ideia, um valor é verdadeiramente. Procurava a essência verdadeira da coisa, da ideia, do valor. Procurava o conceito e não a mera opinião que temos de nós mesmos, das coisas, das ideias e dos valores (CHAUI, 2000, p. 44).

Os elementos: ética e valor desempenham, enfim, a culminância da trajetória desses alunos, onde intensificarão dignidade, revelando-lhes os mais altos níveis de convivência entre aqueles que fazem parte do seu cotidiano, e projeta sua nobreza enquanto ser social, na busca de melhores condições de vida, para estarem aptos a merecerem a sua derradeira identidade, mas para que tudo isso possa acontecer, o professor será o mentor dos valores e a cegueira nunca deixará tomar conta das dificuldades enfrentadas em sala de aula.

Mircea Eliade (2002, p. 24) assinala que o insólito e o extraordinário são epifanias perturbadoras: “[...] indicam a presença de algo diferente do natural, a presença, ou pelo menos o apelo, em sentido predestinado, desse algo”. Cabe a cada aluno prosseguir rumo a esse descobrimento de forma harmônica. As desigualdades econômicas e o autoritarismo social fazem a sociedade polarizar. Muitas vezes, para algumas pessoas, os seus interesses transformam-se em direitos, e tornam-se privilégios de poucos, no entanto, o aluno será preparado para saber a diferenciar o certo do errado.

Diante disso, o estudante pode tornar-se símbolo de ética, desvelar, por si só, o sentido da convivência. As virtudes ajudam no caminho do poder, alcançando-se o mais alto grau através da convivência entre os chamados “diferentes”, pois todos têm capacidade para mudar a sua história.

Os interesses dos estudantes devem ser levados em consideração, visto que em um espaço institucional carregado de irregularidade, contradições, democracia e aprendizado refletem diretamente na relação de cada um. Vale ressaltar, segundo Jorge (1993, p. 17), que “na escola, dão-se os conflitos como produto de uma sociedade de classes, vale dizer, as crises da família, as mudanças políticas ou culturais e as flutuações econômicas. Enfim, tudo o que define a sociedade em um dado momento serve também para definir a escola”.

Seguindo esse raciocínio, a educação deve cada vez mais ser orientada, na perspectiva, de possuir valores norteadores de sua prática educativa, política e cultural, para integrar seus membros e definir uma escola de qualidade em que não haja violência e que a prática social possa trazer mudanças éticas entre os alunos.

O compromisso social do professor é estimular o aluno a buscar novas descobertas, através do estudo, pois o profissional habilitado tem conhecimento para nortear questões sobre o cotidiano escolar, no entanto, o professor tem autonomia para dar subsídio aos alunos, visto que a violência tem de ser eliminada no lugar onde se aprende.

Como pode se constatar, é difícil ter pluralidade de ideias sem haver conflitos, por outro lado, muitas vezes, o professor pratica discriminação e nem percebe. Baseado nesse argumento, Ulisses (2007, p. 15) explica que “a ética, em sua dimensão crítica e transformadora, é que redefina nossa luta pela inclusão escolar”. Daí a necessidade de ser compreendida por todos nós.

No entanto, as crianças e os jovens desejam condições justas, oportunidades de crescimento intelectual, e possivelmente melhores condições de convívio, e quais seriam as condições concretas que adotaríamos para a transformação social no cotidiano escolar? Esses alunos valorizam a família e têm sonhos, logo as regras não podem ser ditadas pelo diretor, professor, pai ou aluno, mas por todos eles em conjunto, e configura em uma campanha permanente de combate à violência.

A violência escolar está ligada também a questões econômicas e sociais. Na maioria das vezes, os jovens que praticam agressões físicas e verbais chegam na sala de aula com fome, falta de atenção dos familiares, e, muitas vezes, são agredidos e insultados pela família.

Evidencia-se, também, constituir um trabalho na escola que não gere violência, democrático, em que haja entendimento no processo, que a cultura da comunidade será a base na organização, congregando a união e a tolerância, entre os princípios de regras comuns a todos, que estão inseridos na escola. Após essas mudanças, a moral e a ética estarão presentes entre os indivíduos da comunidade.

***Bullying* na escola**

O mundo é distinto, heterogêneo e divergente, logo cada ser deve ter consciência de seus atos e quando não os têm deve ser orientado por uma pessoa que esteja capacitada para assim os informar. Tudo o que é passado para uma criança ou adolescente será eternizado e guardado em suas vidas, logo farão parte de suas atitudes.

O jovem está cheio de ideias para compartilhar, basta saber filtrar e pôr em prática, dar a devida importância e estimular para a construção de um ambiente mais saudável, pois, desta forma, ele não terá tempo para pensar e praticar o *bullying* entre seus amigos e colegas.

Para melhor entendermos o significado da palavra *bullying*, busca-se o seu significado segundo o Dicionário da Língua Portuguesa: “forma de agressão física ou psicológica, intencional ou repetida, praticada por uma pessoa ou um grupo com a intenção de intimidar ou ofender alguém, podendo causar traumas, problemas de relacionamento etc.” (BECHARA, 2011, p. 358). O uso de apelidos depreciativos em ambiente escolar, por exemplo, é uma forma de *bullying*.

Partindo desse conceito, fica claro que dentro da escola há um grande número de alunos que sofrem *bullying* todos os dias, esta situação acarreta graves problemas de relacionamento, entre eles brigas, abandono escolar, baixo desempenho cognitivo e leva, muitas vezes, a problemas de saúde, como a depressão.

Para Soares (2004, p. 56), “igualdade não significa homogeneidade e traz como premissa que o direito à igualdade pressupõe o direito à diferença”. Todos sabem que os direitos humanos são universais, naturais e ao mesmo tempo históricos, no entanto, nem sempre é trabalhado em sala de aula tais questões. A família já deveria falar sobre esses assuntos em casa com seus filhos, pois ajudaria na construção de um cidadão mais ético. Cada professor deveria ser treinado nessa área de conhecimento para identificar quando um aluno está pedindo socorro e precisando de ajuda.

O *bullying* afeta crianças e jovens no cotidiano escolar. Ele sempre existiu. No Brasil, esse tema começa a ser abordado em meados de 2000, com a ideia de que a escola possa introduzir programas de prevenção com ações combativas quando o problema ainda não está instituído e quando esse já está. As vítimas, geralmente, são pessoas que fogem do padrão estipulado pela sociedade, muitas vezes por não usarem as chamadas “modinhas”, cor, peso, altura, religião e condição social e sexual.

Nas escolas, isso se tornou normal para os alunos, visto que muitos diretores, professores e pais estão desatentos com estes problemas, pois, muitas vezes, o agredido não os denuncia,

porque sofre ameaças por parte dos agressores e com medo de sofrer mais, fica omissa e leva-o a diversos problemas de saúde.

Dificilmente a vítima recebe apenas uma forma de agressão. Para Silva (2010, p. 22-24), essas se expressam das mais diferentes formas: “verbal, físico e material, psicológico e moral, sexual e virtual”. No entanto, essas formas de *bullying* vão elevar a baixa autoestima do agredido, levando a ter sérios problemas de saúde.

Muitas vezes, os excessos nas brincadeiras entre colegas transformam-se na entrada para a prática do *bullying*. É na escola que crianças e adolescentes precisam construir as regras de convivência, e também, os pais, precisam assegurar e promover esse espaço, para que possam apreender novas formas de viver em sociedade. As escolas preparam-se para também garantir um espaço saudável, promovendo e construindo reuniões para a “cultura da paz”.

O Estatuto da Criança e do Adolescente, para ter eficácia, basta ter o apoio do Ministério Público na criação de programas de formação continuada, com o objetivo de impedir quaisquer tipos de infrações que coloquem em risco a integridade de cada criança e adolescente, mas para que isso possa dar certo, deve-se trabalhar diretamente ou indiretamente com as escolas.

Meninos e meninas cometem o *bullying* contra seus colegas; os meninos são em proporção maiores quando usam a força física, no entanto, as meninas magoam, intimidam, excluem do seu grupo, logo sabem que são seus agressores, quase sempre os ataques são de diversas formas, levando a vítima a sofrer muito.

O *bullying* tem de ser analisado como um fenômeno de grupo, logo se cria novas modalidades em que o agressor nem sempre está sozinho, mas age silenciosamente por trás da tecnologia, no caso do *ciberbullying*. Este dá uma garantia do anonimato, pois usam nomes fictícios para a prática desse delito. Hoje, estes praticantes usam de todas as formas de tecnologia, tais como o *Twitter*, o *Facebook*, o *Youtube*, o *Skype*, os *blogs*, os *e-mails*, entre outros, para ridicularizar e intimidar a vítima.

Para Silva (2010, p. 126), os praticantes de *ciberbullying* ou o *bullying* virtual utilizam, na sua prática, os mais atuais e modernos instrumentos da internet e de outros avanços tecnológicos na área da informação e da comunicação (fixa ou móvel), com o covarde intuito de constranger, humilhar e maltratar suas vítimas. Logo, reconhece que em uma mesma sala de aula podem estar envolvidos vários alunos praticantes desse tipo de agressão, tornando o ambiente hostil e tenso. As consequências disso podem levar a vítima, seus familiares e até mesmo seus amigos mais próximos a terem problemas traumáticos.

Ainda seguindo o raciocínio da mesma autora, muitas vezes, os pais têm dificuldades de diferenciar o que é uma brincadeira de mau gosto de um comportamento de *bullying*:

No entanto, existe um elemento-chave de que pode facilmente distinguir uma coisa da outra: no *bullying*, a ação sempre tem um caráter repetitivo. Quando se trata *bullying* virtual – via internet, especificamente –, essa realidade apresenta uma peculiaridade. Quando se posta uma imagem ou mensagem na rede, e ela é visualizada por terceiros, o fator repetição se dá por uma forma imediata. Assim, no *ciberbullying*, de forma também imediata, a criança fica exposta e vulnerável, tornando-se vítima de chacotas e humilhações, uma vez que outras crianças (e muitas pessoas) veem a mesma imagem. É como se a vítima, em frações de segundos, tivesse sofrido um número incalculável de agressões (daí a repetição) em espaço público (SILVA, 2010, p. 137).

Criar um ambiente de confiança na escola e em casa é primordial para que a criança e/ou jovem possa conversar e, assim, buscar condições de se expressar e solucionar os problemas enfrentados por parte destes agressores, no entanto, os pais também têm obrigação de acompanhar seus filhos e verificar o que eles estão fazendo na internet, dessa forma, poderão, em inúmeros casos, punir seus filhos de forma eficaz para que eles não os pratiquem mais.

Percebe-se que o relacionamento aluno – professor também difere de acordo com o nível de agressividade de cada um, pois, muitas vezes, os alunos mais agressivos são avaliados de forma negativa por seus professores, e estes que apresentam problemas de indisciplina têm maior probabilidade de não serem aceitos junto ao grupo de alunos e ou comunidade – escola, pois esta pode contribuir na trajetória de seu desenvolvimento. No entanto, a escola prepara e orienta seus alunos para inibir a prática do *bullying*.

Especificamente sobre a questão *bullying*, ele pode ocorrer em diversos contextos sociais, desde a escola até a universidade, até mesmo dentro da família, pois muitos pais fazem um comparativo entre seus filhos, e o que no início parece inofensivo pode afetar emocionalmente e fisicamente a criança ou adolescente. Leva na maioria das vezes a um isolamento na sua própria casa, queda do rendimento escolar e, outras vezes, a doenças psicossomáticas.

Geralmente, quem sofre o *bullying* são crianças e adolescentes que têm dificuldade de relacionamento em grupos, por sua religião, opção sexual, raça e cor, e outro fator importante é que, na maioria das vezes, não sabem se defenderem diante da situação, e passam a ter insegurança, insatisfação, baixa autoestima e tornam-se pessoas adultas com sérios problemas psíquicos.

Para Silva (2010, p. 134), “durante a adolescência, o cérebro, ainda infantil, sofre uma série de mudanças químicas e estruturais para se transformar em um cérebro adulto, pronto para gerenciar nosso físico e nossa mente”.

Ao considerar a intensidade que o cérebro vai propiciar ao adulto, o professor deve intervir quando perceber uma situação de *bullying*, e jamais omitir, pois deve ser o primeiro a chamar atenção e encaminhar à orientação escolar, para que esta possa desenvolver um trabalho em conjunto com o professor, de conscientização a respeito do assunto, tais como: incentivar a solidariedade, a generosidade e o respeito às diferenças por meio de conversas, campanhas de incentivo à paz e à tolerância, trabalhos didáticos, como atividades de cooperação e interpretação de diferentes papéis em um conflito; desenvolver em sala de aula um ambiente favorável à comunicação entre alunos.

Algumas atitudes podem ser observadas quando a vítima sofre agressões. Segundo a Cartilha *Bullying não é legal* (2011, p. 4), “apresenta baixo rendimento escolar; finge estar doente para faltar à aula; sentir-se mal perto da hora de sair de casa; volta da escola com roupas ou livros rasgados; tem alteração extremas de humor; aparece com hematomas e ferimentos após a aula; tenta se proteger colocando faca, abridores de lata ou garrafa na bolsa”.

Nota-se que o papel da escola é fundamental nessa mediação de agressão contra as crianças e jovens, basta estar atenta para estes problemas corriqueiros do dia a dia, mas para que nada de ruim aconteça no cotidiano escolar, são criadas medidas preventivas contra qualquer tipo de violência. A escola é um local democrático, capaz de ensinar as crianças a tornarem-se jovens capazes de mudar o seu ambiente para melhor, pois não adianta constituir um trabalho autoritário, pois este será a entrada para conflitos com alunos desinteressados, professores faltosos e comunidade insatisfeita.

O aluno de hoje é preparado para não praticar *bullying*, visto que ele deve ser protagonista de seus desejos, capaz de exercer sua liberdade com responsabilidade e descobrir por si só uma forma de mudança. Tornando-se um cidadão de bem, o jovem envolve-se em projetos e contribui com a redução de qualquer tipo de atos ilícitos, e a escola, a comunidade e os pais têm a possibilidade de trabalhar ética e cidadania com todos os alunos envolvidos e assim terão uma mudança significativa no cotidiano escolar e social.

O *bullying* tornou-se endêmico dentro das escolas, mas para Schilling (2004, p. 98), “o ponto de partida essencial é o trabalho de diagnóstico, detectando as várias dimensões da violência: a socioeconômica, a familiar, a institucional. Reconhecer que estas acontecem em vários

lugares, com atores diversos”. Diante dessa argumentação, os pais, os professores, os alunos, a equipe diretiva e a comunidade, que deverá sair às linhas de ação, e redes de apoio para que a escola seja o lugar de aprender somente coisas significativas.

O grande desafio das escolas é saber instrumentalizar os saberes e pôr em prática soluções para o desenvolvimento de cada indivíduo com aptidões elevadas, deixando de lado os atos violentos (*bullying*) e destruir a escola discriminatória, buscar junto às famílias soluções e parceiros internos e externos sem se preocupar com valores financeiros e trilhar uma escola de qualidade, seja pública ou privada, onde o aluno possa se expressar e colocar seus anseios e desafios e ter a compreensão de todos nesse novo contexto, explorando as habilidades e competências e não apenas esperar dos órgãos públicos soluções de seus problemas.

Considerações finais

O tema “violência” pode ser uma representação da realidade subjetiva e objetiva que nossos alunos estão vivenciando todos os dias, pois ele pode ser direto e indireto, mas está provocando muitos problemas físicos e psicológicos na criança e no adolescente.

A violência fica evidente em muitos casos. Em outros, ela passa despercebida e somente o agredido é quem sofre calado. Para o agressor, isto é o poder de libertação, para o agredido, ficam, por analogia, sofrimentos e combates. Os combates descortinam a construção de cada indivíduo na busca de seu conhecimento intelectual, pois cada aluno vai à escola para aprofundar o saber, e diante desses sentimentos de rejeição, ele interrompe a verdadeira busca junto aos seus educadores.

Quando se fala em ética e moral, logo voltamos ao seio da família, pois é lá que aprendemos os primeiros valores, mas, muitas vezes, a criança vem para a escola sem saber definir o certo do errado e cabe ao professor ensinar essas diferenças, pois é na escola que o aluno vai se socializar e aprofundar sentimentos que antes não faziam parte do seu cotidiano, então o mestre passa estes conhecimentos e prepara-os para a vida em sociedade.

O tema “*bullying*” representa algo negativo na vida do estudante, pois vai muito além de uma simples discriminação. Podemos questionar muitas situações vividas pelas vítimas, pois os semantismos são realçados em muitas cenas e, muitas vezes, estão interligados com um desejo a ser cumprido pelo agressor.

Buscamos aqui um espaço para reflexão, explorando algumas possibilidades de mudança no meio escolar.

Referências

BECHARA, E. **Dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

BRASIL. Emenda Constitucional nº 65, de 13 de julho de 2010. Altera a denominação do Capítulo VII do Título VIII da Constituição Federal e modifica o seu art. 227, para cuidar dos interesses da juventude. **Diário Oficial [da União]**, Poder Legislativo, 14 jul. 2010, p. 1. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/emendas/emc/emc65.htm>. Acesso em: 20 jun. 2017.

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial [da União]**, Poder Legislativo, 16 jul. 1990, p. 13563. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm>. Acesso em: 20 jun. 2017.

CARTILHA BULLYING. **Bullying não é legal**. São Paulo: Ministério Público do Estado de São Paulo, 2011. Disponível em: <<http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/Cartilhas/bullying.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2016.

CHAUÍ, M. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.

CHISPINO, Á. Gestão do conflito escolar: da classificação dos conflitos aos modelos de mediação. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 54, p. 11-28, jan./mar. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v15n54/a02v1554.pdf>>. Acesso em: 16 jul. 2016.

DURKHEIM, E. **Regras do método sociológico**. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1971.

ELIADE, M. **Tratado de histórias das religiões**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

JORGE, L. **Inovação curricular: além da mudança dos conteúdos**. Piracicaba: UNIMEP, 1993.

LIBÂNEO, J. C. **Democratização da escola pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos**. São Paulo: Loyola, 1987.

PERRENOUD, P. **Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens, entre duas lógicas**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

SCHILLING, F. **A sociedade da insegurança e a violência na escola**. São Paulo: Moderna, 2004.

SILVA, A. B. B. **Bullying: mentes perigosas nas escolas**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

SOARES, M. V. B. **Educação, cidadania e direitos humanos**. Petrópolis: Vozes, 2004.

ULISSES, F. A. **Programa ética e cidadania**. Brasília: USP, 2007.

Artigo recebido em 30/05/17. Aceito em 10/07/17.